

# Lênin e a Transição Socialista\*

Marcos Del Roio\*\*

Resumo: Neste artigo, o autor examina alguns aspectos do pensamento e da ação política de Lênin a propósito da transição socialista. Para tanto, discorre sobre a importância da revolução de 1905, da eclosão da guerra imperialista, da revolução de 1917, dos momentos iniciais do poder dos soviets e, por fim das reflexões sobre a NEP. A tese fundamental é que a Rússia, com Lênin vivo, não conseguiu alcançar as condições para a transição socialista.

Palavras-chave: Revolução Russa. Transição socialista. Imperialismo. Capitalismo de Estado.

## Capitalismo e revolução

A mundialização do capital, fase atual do imperialismo e, ao que parece, de sua crise orgânica inelutável, traz novamente à tona e em nova perspectiva a questão da revolução e da transição socialista. Embora não seja iminente essa questão é de grande atualidade, mormente se observamos alguns processos políticos extremamente contraditórios colocados na cena mundial. Decerto, também nesse problema a retomada dos autores clássicos pode contribuir para desbastar o caminho da reflexão necessária. Entre esses autores, pela diversidade de situações concretas com que se deparou e pela capacidade de análise, sempre norteada por rigorosa teoria política, sem dúvida, destaca-se Lênin.

A obra teórica (e prático política) de Lênin começa com a crítica a concepção predominante na intelectualidade revolucionária da Rússia, a qual afirmava a singularidade daquela formação social. Segundo os *narodniks* o capitalismo seria algo estranho à alma eslava e da situação de opressão do absolutismo czarista poder-se-ia passar imediatamente a um específico socialismo fundado na tradição cultural camponesa, cuja base era a comuna agrária. Lênin, partindo do método dialético usado por Marx, demonstra como o capitalismo efetivamente se desenvolvia na Rússia, mas de uma

---

\* Este artigo é uma versão modificada da intervenção no debate *Reflexões sobre a Revolução Russa: 90 anos depois...*, realizado pelo Grupo de Estudos de Política da América Latina (GEPAL), na Universidade Estadual de Londrina, no dia 16 de outubro de 2007.

\*\* Professor de Ciências Políticas UNESP-FFC.

forma particular, observável não só na industrialização induzida pelo Estado feudal-absolutista, mas também na desintegração em andamento das relações sociais feudais e o surgimento de um mercado capitalista no campo.

Posto isso, o problema passava a ser a criação de um instrumento adequado à ação política voltada para o objetivo imediato, que era precisamente a derrubada dessa variante oriental de monarquia feudal-absolutista e a conquista da emancipação política. Esse instrumento seria o partido revolucionário da classe operária, cujo objetivo era fazer dessa classe a vanguarda da luta pela democracia política na Rússia. A democracia política traria condições melhores para o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas e para o crescimento cultural da Rússia (LÊNIN, 1975).

Com a eclosão da revolução burguesa, em 1905, no calor da luta, Lênin teve ocasião de explicitar a sua compreensão não só da inserção da classe operária como sujeito autônomo no processo, mas como dirigente da revolução, condição que alcançaria desde que conseguisse selar a aliança com as massas camponesas e deixasse clara a sua perspectiva socialista. Se a luta pela emancipação política fosse levada até o fim, se a revolução burguesa se radicalizasse, colimaria na instauração de uma ditadura democrática do proletariado aliado ao campesinato, regime no qual a burguesia existiria sem ser classe dominante e dirigente do Estado. O capitalismo se desenvolveria da forma mais democrática possível criando as condições melhores e mais adequadas para a que a Rússia se refizesse do seu atraso e para a que transição socialista tivesse início tão logo as condições concretas se apresentassem.

Numa síntese magistral, Lênin anotava:

O proletariado deve levar até o fim a revolução democrática, atraindo a si a massa do campesinato, a fim de esmagar pela força a resistência da autocracia e paralisar a instabilidade burguesa. O proletariado deve levar a cabo a revolução socialista, atraindo a si a massa dos elementos semiproletários da população, a fim de quebrar pela força a resistência da burguesia e paralisar a instabilidade do campesinato e da pequena burguesia (LÊNIN, 1976a, pp. 85-86).

A revolução se concluiu com um acordo entre a burguesia e o regime político, que possibilitou a abertura de um corpo parlamentar representativo das demandas de classe dos capitalistas. Nesse momento, em abril de 1906, encarregado pelo POSDR de formular o programa agrário,

Lênin avaliou que a tendência principal era que o capitalismo prosseguisse seu desenvolvimento por um caminho análogo ao que denominou de via prussiana, considerando que a burguesia havia chegado a um acordo com a nobreza feudal, tal qual ocorrera na Alemanha nos desdobramentos da revolução de 1848. Esse acordo, porém, foi de curta duração, de modo que em meados de 1907 a monarquia absolutista foi restaurada completamente, preservando, todavia, o projeto de desenvolvimento capitalista, embora possa ser dito agora que se assemelhasse mais a Áustria-Hungria.

De todo modo, a contradição entre o desenvolvimento capitalista e o invólucro estatal feudal-absolutista, em algum momento traria novamente à tona o problema apenas momentaneamente contido da revolução democrática. Foi a explosão e generalização da guerra imperialista de 1914, no entanto, a gerar uma mudança profunda e insuspeitada na situação e, por decorrência, na formulação teórica de Lênin.

### **Guerra imperialista e revolução**

Colocado diante do impacto da guerra, Lênin aceitou o desafio de compreender esse fenômeno inédito pela destruição posta em prática com tamanho consenso de governos, de partidos, de ideologias. Discernir os fundamentos econômico-sociais do imperialismo era importante não só para saber dos motivos da guerra, mas também dos motivos pelos quais a maioria do movimento operário e socialista havia oferecido decidido apoio à matança desencadeada. A época imperialista, iniciada em torno de 1880, possibilitou a ampliação do estatuto da cidadania nos Estados liberal-imperialistas e a difusão das ideologias nacionalistas, submetendo assim o movimento operário aos interesses materiais e ideológicos da burguesia, com a incorporação do sindicato e do partido operário a institucionalidade burguesa. Mais ainda, o imperialismo havia tornado possível que uma camada superior da classe operária, melhor organizada e com melhores condições de vida, aceitasse e apoiasse a política imperialista.

Assim, num paradoxo, a guerra imperialista colocava a revolução socialista internacional na ordem do dia e isso porque, diante da iminência da destruição, se colocava a necessidade da aceleração e do salto histórico. Paradoxo, porque ao mesmo tempo em que a classe operária e o projeto histórico da paz universal e do socialismo apareciam fragorosamente

derrotados, a guerra imperialista oferecia a possibilidade da revolução socialista internacional ao colocar em contato imediato os povos conflagrados, ao unificar a situação de Estados de diferente nível de desenvolvimento capitalista e unificar os interesses do proletariado vitimado pela guerra contra as burguesias que haviam promovido o massacre. Contra a guerra imperialista, apenas a revolução socialista internacional seria capaz de oferecer solução definitiva. Necessário agora, de imediato, era construir novos instrumentos de luta revolucionária em toda a Europa, que organizasse o proletariado contra a burguesia imperialista e seus aliados em todos os países, pois que se tratava de desencadear uma guerra civil revolucionária internacional contra o imperialismo capitalista.

A revolução socialista poderia começar em qualquer dos Estados enredados pela guerra imperialista e se difundir pelos outros em seguida. Não era possível se certificar de onde a revolução pudesse começar e muito menos supor que tivesse início no Estado mais arcaico e de capitalismo mais embrionário da corrente imperialista, que era precisamente o império russo. Ainda em 1915, Lênin (1976b, p. 274) dizia ser a Rússia “um país onde a autocracia está viva, onde a revolução burguesa esta longe de estar terminada”

Em março de 1917 a greve de massas em São Petersburgo pôs abaixo a monarquia absolutista e deu início a revolução socialista internacional, que acabaria finalmente derrotada em março de 1921. Retornado às pressas do exílio suíço no qual se encontrava, Lênin proclamava em abril que “o poder do Estado passou na Rússia para as mãos de uma nova classe: a classe da burguesia e dos latifundiários aburguesados. Nessa medida, a revolução democrático-burguesa na Rússia está terminada” (LÊNIN, 1976c, p. 280), ainda que não estivesse terminada do ponto de vista do desenvolvimento das forças produtivas e da cultura. Mas a conclusão era que a revolução socialista ganhava atualidade também na Rússia e exatamente por esses dois motivos: a Rússia estava envolvida numa guerra de caráter imperialista, o que levava a situação internacional ao primeiro plano, e agora a burguesia era classe dirigente e dominante do Estado russo, contando inclusive com o respaldo de significativa fração do movimento político da classe operária e do campesinato (o que era indício de capacidade do exercício da hegemonia).

O governo provisório republicano poderia, no horizonte, considerando a possibilidade de vitória na guerra e o eventual predomínio

da questão nacional, se endereçar para um regime liberal-democrático-burguês. Não era esse o caso, porém, porquanto evidente a predominância da situação internacional e também pelo fato de no próprio seio da revolução burguesa estar já se constituindo o embrião de um novo Estado.

Os conselhos operários, que haviam surgido já ao final da revolução de 1905, voltavam a fazer a sua aparição, apenas que agora logo no início da nova onda revolucionária. Lênin percebera que os conselhos eram o embrião do novo Estado operário, o qual poderia se contrapor ao Estado burguês que se esforçava para se consolidar. Em suma: “A origem e o significado de classe dessa dualidade de poderes residem em que a Revolução Russa de março de 1917, ademais de varrer toda a monarquia czarista e entregar todo o poder a burguesia, se aproximou plenamente da ditadura democrática revolucionária do proletariado e dos camponeses” (LÊNIN, 1976c, p. 283).

A luta pela instauração da ditadura democrática do proletariado e do campesinato estaria agora em patamar superior ao de 1905, e a diferença era menos por conta do tempo transcorrido, por conta de um desenvolvimento significativamente maior das forças de produção, mas pelo predomínio da situação nacional antes e da situação internacional de guerra imperialista agora, a qual colocava a revolução socialista como tarefa imediata. Nessas condições, a instauração da ditadura democrática do proletariado na Rússia representaria apenas um momento de aproximação da revolução socialista internacional, cujo território compreendia toda a área atingida pela guerra imperialista.

A ditadura democrática do proletariado e do campesinato seria instaurada no momento em que os soviets assumissem o poder e dessem início imediato à construção de um novo Estado operário e socialista. Para que isso ocorresse, no entanto, era necessário que os bolcheviques conquistassem a hegemonia política nos soviets e atraíssem para o lado da classe operária a maioria da imensa massa pequeno burguesa, tão numerosa que contaminava o próprio proletariado com sua ideologia de apoio a burguesia.

Lênin apresentava o Estado operário em gestação como a superação dialética da república democrática do capitalismo. O novo Estado que surgiria da ação histórica da classe operária assumiria uma forma análoga a da experiência da Comuna de Paris, “que substituiu o exército e a polícia,

separados do povo, com o armamento imediato e direto do povo” (LÊNIN, 1976c, p. 291). A experiência dos soviets, surgida em 1905 e retomada agora em 1917, seria o embrião de um Estado-comuna, e “é isso que está já encarnando na vida de nosso país, agora, neste momento, por iniciativa de um povo de milhões e milhões de homens, que cria a democracia, sem prévia autorização, a sua maneira, (...)” (LÊNIN, 1976c, p. 291).

Assim, a forma da ditadura democrática do proletariado e do campesinato seria um Estado-comuna, uma variante de democracia mais ampla e profunda que a república democrática, pois que seus fundamentos econômico-sociais seriam outros, seus objetivos históricos seriam outros, de um alcance que culminaria no comunismo, na emancipação humana. O Estado-comuna é a forma do Estado da transição socialista, mas no caso concreto da Rússia a disjunção entre os fundamentos econômico-sociais e a aproximação da ditadura do proletariado é palpável, pois a revolução burguesa, do ponto de vista das forças produtivas desenvolvidas, ainda não se concluiu, como ainda não se concluiu a dissolução do campesinato como camada social pré-capitalista. Logo, as condições materiais da transição socialista ainda não estavam postas, mas disjunção seria sanada no processo mesmo de andamento da revolução socialista internacional e da transição.

A fundação de um Estado-comuna na Rússia a partir da instituição dos soviets, instituição inventada pela classe operária, seria um exemplo e um estímulo para que a classe operária de outros países procedesse a um caminho semelhante, sendo particularmente importante nesse desenho estratégico o caso da Alemanha, por contar com uma classe operária disciplinada e qualificada. Assim, os bolcheviques se propunham a assumir um governo que confrontasse a situação de emergência crescente em que se encontrava a Rússia em substituição ao governo provisório e enveredar pelo caminho do socialismo.

### **Capitalismo de Estado e transição socialista**

Em setembro de 1917 era palpável o fracasso do projeto liberal-burguês do governo provisório. A Rússia se encontrava entre a instauração de uma ditadura militar e a instauração de uma ditadura democrática fundada na aliança operário-camponesa a ser dirigida pelos bolcheviques. O respaldo dessa agremiação revolucionária crescia dia a dia nos soviets

em apoio à proposição exposta por Lênin de se fazer frente à catástrofe e a fome que se avizinhavam com rapidez: “Essas medidas são o controle, a inspeção, a contabilidade, a regulação pelo Estado, a implantação de uma distribuição correta da mão de obra na produção e na distribuição de produtos, a economia das energias do povo, a eliminação de qualquer esforço desnecessário” (LÊNIN, 1977a, p. 176).

Para se enveredar por esse caminho de controle, inspeção e contabilidade, Lênin propunha a nacionalização e fusão dos bancos, nacionalização dos monopólios, abolição do sigilo comercial, agremiação obrigatória da burguesia, organização obrigatória da população em cooperativas de consumo ou fomento. Essas medidas não eram estranhas aos Estados imperialistas, nos quais já vigiam um capitalismo monopolista de Estado, ainda mais acentuado no momento da mobilização total para a guerra, mas na Rússia essas medidas só poderiam ser tomadas contra a burguesia, pois “a dominação da burguesia é incompatível com uma verdadeira democracia, autenticamente revolucionária” (LÊNIN, 1977a, p. 210). Então, Lênin indicava que “o capitalismo monopolista de Estado, num Estado verdadeiramente democrático, revolucionário, representa, inevitavelmente, infalivelmente, um passo, e mais do que um passo para o socialismo”, pois “o socialismo nada mais é do que o monopólio capitalista de Estado posto a serviço de todo o povo e que, por isso, deixou de ser monopólio capitalista” (LÊNIN, 1977a, p. 212).

Em suma, Lênin propunha, de imediato, a criação de um Estado democrático-revolucionário, uma ditadura da democracia dirigida pelo proletariado, que instaurasse o capitalismo monopolista de Estado, tanto como meio para combater a catástrofe iminente, como para se aproximar do socialismo, para se criar as condições da transição. A Rússia não contava ainda com a base material do capitalismo monopolista de Estado burguês, mas poderia ter a sua organização e a direção da classe operária.

Cerca de um mês depois, em *Se sustentarão os bolcheviques no poder?*, Lênin adiantou mais alguns elementos de sua concepção dos passos iniciais da transição socialista. Antes de tudo insiste que o soviét é o embrião de um novo Estado, mas que deve assumir todo o poder de Estado ou então sucumbir. Constata que “se a iniciativa popular criadora das massas revolucionárias não tivesse criados os soviets, a revolução proletária na Rússia não teria esperança, pois o proletariado não poderia, indubitavelmente, reter

o poder com o antigo aparelho de Estado, e é impossível criar de repente um novo aparelho”. De imediato, o papel dos soviets seria o de assumir a ditadura da democracia e estabelecer o “controle operário sobre a produção e distribuição de produtos” (LÊNIN, 1977b, p. 292).

Certo que a destruição do aparato repressivo do Estado capitalista é imprescindível. Mas o aparelho de contabilidade e registro, intimamente ligado aos bancos e consórcios, “não pode e nem deve ser destruído. O que se tem que fazer é arrancá-lo do controle dos capitalistas; separar, afastar, isolar dele os capitalistas, e os fios que eles manejam; é preciso subordiná-lo aos soviets proletários; é preciso torná-lo mais vasto, mais universal, mais popular”. Como se houvesse dúvida ainda, enfatiza: “O capitalismo criou um aparelho de registro na forma de bancos, consórcios, serviços postais, sociedades de consumidores e sindicatos de funcionários públicos. Sem os grandes bancos o socialismo seria irrealizável”. Arremata então afirmando que “a ‘chave’ de tudo não será sequer o confisco dos bens dos capitalistas, mas o controle operário geral, de todo o povo, universal, sobre os capitalistas e seus possíveis partidários” (LÊNIN, 1977b, p. 294).

O controle operário do novo Estado operário seria o cerne da democracia fundada no trabalho, no qual ainda haveria capitalismo, mas um capitalismo de passagem para a época da transição socialista. Nesse momento, importante era “obrigar os capitalistas a trabalhar, dentro dos marcos da nova organização do Estado”, pois “há outro caminho que não seja o de implementar imediatamente um verdadeiro autogoverno do povo?” (LÊNIN, 1977b, p. 298).

O esvaziamento do governo provisório da República possibilitou que os bolcheviques assumissem o poder em 7 de novembro de 1917, tendo em seguida obtido amplo respaldo dos soviets de toda a Rússia. Tratava-se agora de implementar as linhas mestras programáticas que Lênin havia definido desde o seu retorno ao País no precedente mês de abril. Mas antes de tudo havia que se fazer frente à sabotagem empreendida pela burguesia apeada do poder. Em março de 1918 os bolcheviques chagavam a conclusão que a fase da conquista do poder havia terminado e se iniciava a fase de construção dos fundamentos da transição socialista.

O debate aceso nos soviets e no seio do partido comunista (bolchevique) teve um ponto alto na exposição de Lênin sobre *As tarefas imediatas do poder soviético*. Apesar da persistente instabilidade da situação e



da fragilidade da Rússia, conseguido o tratado de paz, o problema central passava a ser agora o de organizar o governo. De maneira geral,

a vitória da revolução socialista será assegurada somente se o proletariado e os camponeses pobres desenvolverem suficiente consciência de classe, devoção aos princípios, abnegação e perseverança. Ao criar um novo tipo de Estado, o Estado soviético, que dá as massas trabalhadoras e oprimidas a possibilidade de participar ativamente na construção independente de uma nova sociedade, resolvemos só uma pequena parte deste difícil problema. A dificuldade principal está no terreno econômico: isto é, em introduzir um registro e um controle mais estrito e geral da produção e da distribuição de produtos, em aumentar a produtividade do trabalho e socializar a produção na prática (LÊNIN, 1977c, p. 92).

Lênin afirmava que se tratava agora de “criar as condições que impossibilitem a existência da burguesia ou o surgimento de uma nova burguesia” (LÊNIN, 1977c, p. 96), mas, paradoxalmente, insistia que diante da particularidade da situação concreta da Rússia, nesse momento a ofensiva contra o capital deveria ser interrompida. A explicação que Lênin oferece é bastante simples: os organizadores do processo produtivo, os especialistas no conhecimento são de origem burguesa e só eles, nas condições presentes podem realizar essas funções. Logo, não restaria outra saída ao novo Estado em construção senão induzir essa camada a se envolver com a tarefa de registro e contabilidade, imprescindível pra que houvesse uma elevação imediata da produtividade do trabalho, nem que fosse ao custo da oferta de altos salários. Esse seria um investimento para que a força de trabalho se qualificasse e se disciplinasse para o socialismo, o que tornaria os altos salários desnecessários a sua vez.

Expropriada a burguesia das fábricas agora era preciso encontrar um meio de incorporar o seu conhecimento. A difusão da ciência e da técnica gerada pelo capitalismo era uma rota incontornável para a transição socialista, incluindo os aspectos progressivos da organização científica do trabalho elaborada por F. Taylor. Sobre a necessidade de ampliação da produtividade do trabalho, Lênin avançava que,

a última palavra do capitalismo neste terreno – o sistema Taylor –, do mesmo modo que todos os avanços do capitalismo, reúne em si toda a ferocidade refinada da exploração burguesa e uma série das maiores conquistas científicas referentes ao estudo dos movimentos mecânicos durante o trabalho, a supressão dos

movimentos supérfluos e, a elaboração de métodos de trabalho mais racionais, a implantação de melhores sistemas de registro e controle. A República Soviética deve adotar, a qualquer custo, as conquistas mais valiosas da ciência e da técnica neste domínio. A possibilidade de se construir o socialismo depende precisamente do êxito que logremos ao combinar o poder soviético e a organização soviética da direção com as últimas conquistas do capitalismo (LÊNIN, 1977c, p. 110).

Outros destaques de Lênin para a ação imediata eram o uso da publicidade, a construção do Banco Popular e a melhoria dos monopólios estatais, condição para a efetivação do monopólio do comércio exterior. O recolhimento de impostos sobre bens e rendas ainda não estava estabelecido como método de governo, predominando ainda a imposição de tributos à burguesia. A implantação do trabalho obrigatório, necessário para a transição socialista deve começar pelos ricos e se expandir gradualmente a todos. Esses são todos elementos importantes, mas o fundamental é “aprender a combinar a democracia das ‘reuniões públicas’ das massas trabalhadoras, que flui turbulenta, impetuosa como as águas primaveris que fazem transbordar os rios, com a disciplina de ferro durante o trabalho, com a obediência incondicional à vontade de uma só pessoa, o dirigente soviético do trabalho” (LÊNIN, 1977c, p.123).

A reflexão de Lênin está sempre acoplada a realidade do momento, mas sem jamais perder de vista o objetivo postado em um horizonte longínquo. Esse momento inicial da transição socialista, um momento fugaz entre a revolução, enquanto conquista do poder, e transição socialista propriamente dita, pode ser identificada como sendo de criação das condições da transição, entre as quais se sobressai a condição para a democracia socialista, “a obra de se conseguir que toda a população aprenda a arte de governar e comece a governar” (LÊNIN, 1977c, p. 124).

As condições da transição deveriam ser criadas, como se fosse um alinhamento para o momento em que a revolução socialista internacional se difundisse também para a Europa ainda conflagrada. Enquanto isso à Rússia caberia apenas manobrar, retroceder e esperar. Na Rússia, e Lênin não tinha dúvida, as condições da transição ou a aproximação do socialismo, implicavam a construção de um capitalismo monopolista de Estado sob controle do proletariado da grande indústria, pois está implícita o registro, a contabilidade, a disciplina no trabalho, a incorporação da ciência e da técnica.

Nessa situação, além de gestores empresariais, mesmo ex-proprietários foram incorporados na administração das empresas estatais.

Decerto que o conflito social e ideológico continuava acirrado nessa situação de criação das condições da transição, ou seja, dos fundamentos econômico-sociais da democracia socialista, da época histórica da transição socialista. O esforço de Lênin era o de demonstrar a necessidade do capitalismo de Estado, pois pelo momento o socialismo era muito pouco mais que uma decisão política, um projeto de se constituir um Estado operário a partir da instituição do soviét. Mas na realidade das coisas, a Rússia permanecia sendo um país de pequenos camponeses, onde se produz mercadorias e acumulação privada, de modo que havia um poder soviético sobre uma base material na qual predominava ainda um capitalismo pequeno-burguês.

Assim, a particularidade do momento histórico da Rússia era o conflito, por um lado, da pequena produção mercantil e do capitalismo privado contra o capitalismo de Estado e o socialismo. O capitalismo de Estado é condição mesma para o início bem sucedido da transição socialista, é uma aproximação do socialismo. No momento que corria, a ditadura deveria ser exercida contra a pequena burguesia, enquanto a Rússia soviética manobrava, recuava e esperava pela revolução na Alemanha, quando então a situação seria outra e poderia se pensar com mais seriedade sobre o socialismo integral.

Lênin pensava de início que o soviét fosse uma particularidade da revolução na Rússia, mas a prática da classe operária em outros países demonstrou o quanto havia de universal nessa forma de auto-organização da classe operária. Quando a experiência dos soviét (conselhos) se espalhou pelos chamados impérios centrais, a partir de fins de 1918, parecia que o desenho estratégico de Lênin, que via na Rússia apenas o nascedouro de uma revolução muito mais ampla, estava de se realizar. Na Alemanha a transformação do capitalismo monopolista de Estado em socialismo parecia ser mais imediato pelo fato da transição partir de um patamar muito mais elevado que o da Rússia.

O processo que se seguiu foi o pior dentro das previsões possíveis. A revolução socialista internacional tardou a acontecer e quando aconteceu foi débil, tendo sofrido uma dura derrota e assim impedido a classe operária dos países imperialistas de ajudar decisivamente a Rússia revolucionária. A

própria Rússia foi penalizada com quase três anos de guerra civil e intervenção armada do imperialismo. Assim a prioridade foi novamente alterada para a defesa do poder revolucionário a todo custo, criando novas formas de hierarquia e burocracia, que distorceram profundamente a democracia dos soviets e colocou em cheque a aliança operário-camponesa.

### **A NEP e as difíceis condições para a transição socialista**

Vencida a guerra civil e a intervenção imperialista, mas derrotada a revolução socialista internacional, em março de 1921, a devastada Rússia soviética, em mais uma manobra de recuo para esperar a classe operária do Ocidente a se reerguer, dá início à chamada NEP (Nova Política Econômica). Não por acaso Lênin retoma a discussão de 1918 sobre o capitalismo de Estado no seu texto *Sobre o imposto em espécie*. A primeira observação é que depois da guerra civil a ruína do país havia aumentado e detido a restauração das forças produtivas, ao mesmo tempo em que se reforçava o elemento pequeno burguês no campo.

Em outro aparente paradoxo, Lênin defendia que para se melhorar a situação dos operários havia que se começar pelos camponeses e pela garantia do abastecimento. Atentava ainda que,

tomar outro caminho diferente significa colocar os interesses corporativistas dos operários acima dos interesses de classe; significa, pois, sacrificar em troca do aproveitamento de vantagens imediatas, parciais e momentâneas, os interesses de toda a classe operária, de sua ditadura, de sua aliança com os camponeses contra os latifundiários capitalistas, de seu papel dirigente na luta para libertar o trabalho do jugo do capital (LÊNIN, 1977d, p. 79).

Na prática, a proposta de Lênin indicava o fim do confisco da produção camponesa pelo imposto em espécie e pela troca por produtos industriais. Uma solução econômica bastante primitiva, mas derivada da situação de devastação em que a Rússia se encontrava então. Ademais, diante da impossibilidade de se restaurar as forças produtivas de imediato, seria necessário ajudar na restauração da pequena indústria, o que, ao final das contas “resulta no ressurgimento da pequena-burguesia e do capitalismo baseado na limitada liberdade de comércio (ainda que não seja mais do que local)” (LÊNIN, 1977d, p. 81).

Nessa situação, quando as condições para a transição socialista estavam ainda aquém de 1918, a estratégia socialista de Lênin apontava

como única possibilidade o empenho para se canalizar o desenvolvimento capitalista inevitável para a via do capitalismo de Estado. Daí a prioridade dada por Lênin às concessões, ao concessionário capitalista, gestor da grande empresa, cujo significado seria de “um pacto do poder soviético, ou seja, do poder estatal proletário, com o capitalismo de Estado, contra o elemento pequeno-proprietário (elemento patriarcal e pequeno-burguês)” (LÊNIN, 1977d, p. 83).

Assim,

‘implantando’ o capitalismo de Estado sob a forma de concessões, o poder soviético reforça a grande produção contra a pequena, a produção avançada contra a atrasada, a produção baseada na maquinaria contra a manual, aumentando assim a quantidade de produtos da grande indústria reunidos em suas mãos (por meio de cotas em espécie) e reforçando as relações econômicas reguladas pelo Estado em contrapartida às relações pequeno-burguesas anárquicas (LÊNIN, 1977d, p. 84).

O cooperativismo era outra forma de capitalismo de Estado, apenas que com a grande diferença que essa se funda na pequena indústria manual e patriarcal, mais difícil de ser controlada e também mais difícil de passar para a grande produção e associação voluntária. Outras formas de capitalismo de Estado seriam o pagamento de comissão ao comerciante pelo estoque e venda da produção estatal ou privada e, finalmente, o arrendamento de uma fábrica ou da terra. Percebe-se com toda a nitidez que o empenho de Lênin nesse momento é construir na Rússia um capitalismo de Estado, dado a flagrante impossibilidade da transição socialista e mesmo do recuo para formas de produção pré-capitalistas. O problema todo estava em ajustar as melhores condições para a transição socialista, para o que “é necessário compreender quais são os caminhos, os métodos, os recursos, os elementos intermediários necessários para a passagem das relações pré-capitalistas para o socialismo” (LÊNIN, 1977d, p. 88).

As dificuldades foram ainda maiores na implantação de um capitalismo de Estado razoavelmente adiantado, pois a estratégia da burguesia russa e do imperialismo era a de sufocar a Rússia soviética economicamente, tendo então falhado o projeto das concessões. Desse modo, não restou a Lênin outro caminho que não fosse o de aprofundar a reflexão sobre o capitalismo de Estado a partir das variantes mais atrasadas e a partir disso encontrar as linhas de passagem para a transição socialista,

quase que cedendo, por força da dura realidade, às velhas concepções dos narodniks de passagem para o socialismo a partir das comunas agrárias.

Já adoentado Lênin expõe algumas considerações sobre o problema das cooperativas. Começa por afirmar que o socialismo seria o mesmo que a máxima organização dos trabalhadores em cooperativas e para demonstrar isso raciocina a partir da lembrança que “com a NEP fizemos uma concessão ao camponês como comerciante, fizemos uma concessão ao princípio do comércio privado; disso precisamente (ao contrário do que alguns crêem) a gigantesca importância das cooperativas” (LÊNIN, 1977e, p. 378).

Lênin identificava a importância das cooperativas a partir da propriedade dos meios de produção pelo Estado operário e também pelo que julgava ser o caminho de passagem dessa vertente do capitalismo de Estado, que eram as cooperativas para as condições da transição socialista. O cooperativismo dos camponeses deveria então ser estimulado por meio de uma política de Estado adequada e com oferta de vantagens materiais em relação à empresa privada. Mas para que o cooperativismo implique a autogestão coletiva e elevação da produtividade é indispensável “toda uma etapa de desenvolvimento cultural”. A melhor qualificação para o trabalho e uma cultura geral mais extensa, com o tempo resultaria na geração das condições da transição socialista pela via do capitalismo de Estado também nessa vertente. Em fórmula lapidar Lênin (1977e, p. 381) afirmava: “quando os meios de produção pertencem à sociedade, quando é um fato o triunfo de classe do proletariado sobre a burguesia, o regime dos cooperativistas cultos é o socialismo”.

Na avaliação de Lênin, quando o problema da sua sucessão na direção do partido e do Estado já se apresentava, as tarefas que seus sucessores teriam que se defrontar eram de longo prazo. A primeira delas seria a refazer a administração pública, em grande medida herdada do antigo Estado feudal-absolutista, burocrático e ineficaz. O fato é que o novo Estado que deveria se desenvolver e florescer a partir dos soviets, da autogestão, da democracia direta de base, não chegou a se constituir em razão das tantas agruras que passou desde que assumira o poder de Estado.

A outra tarefa seria promover uma “revolução cultural” entre os camponeses, induzindo-os a se organizarem em cooperativas, já que “se pudéssemos organizar toda a população em cooperativas, pisariamos com os dois pés em terreno socialista”. Lênin concluía, não sem certa melancolia, que,

hoje nos basta esta revolução cultural para chegar a nos convertermos em um país completamente socialista, mas essa revolução cultural nos apresenta incríveis dificuldades, tanto no aspecto puramente cultural (pois somos analfabetos) como no aspecto material (pois para sermos cultos é necessário certo desenvolvimento dos meios materiais de produção, se precisa de certa base material) ( LÊNIN, 1977e, p. 384).

## Últimas considerações

Chegado perto do fim da vida Lênin tinha plena clareza de que a revolução socialista internacional fora derrotada, quiçá por quanto tempo, tendo assim falhado o seu desenho estratégico concebido com o início da guerra imperialista de perseguir uma guerra civil revolucionária em toda a Europa e depois, mais concretamente, uma revolução articulada entre Rússia e Alemanha. Nunca teve dúvidas, porém, que na Rússia, cujo desenvolvimento era retardatário, tratava-se de se construir as condições para a transição socialista. Na particularidade russa, as condições para a transição socialista seriam construídas por um capitalismo de Estado dirigido pela ditadura democrática do proletariado e do campesinato.

O drama se apresenta quando se constata que a situação em 1923 era muito pior que 1905, quando esteve longe da vitória, e que 1918, quando se consolidou a teoria do capitalismo de Estado como via de passagem para as condições da transição socialista. Os últimos escritos de Lênin buscaram configurar a NEP como construção de um capitalismo de Estado sob direção do partido comunista, que amadurecesse indicando as vias de passagem para a transição socialista, que criasse as condições da transição socialista. Lênin sabia das dificuldades quase insuperáveis e de quanto a derrota estava próxima, considerando o isolamento internacional e a catástrofe econômico-social da Rússia.

Do exposto, é possível observar que a teoria política de Lênin sempre esteve vinculada a prática transformadora do real, e a sua prática esteve sempre vinculada a criação das condições da transição socialista. Para que isso ocorresse era preciso que a classe operária assumisse a direção do processo histórico que, no caso particular da Rússia, significava alcançar o desenvolvimento científico, técnico, organizativo e cultural do imperialismo, implementando um capitalismo de Estado que criasse as condições para

a transição socialista. Isso poderia acontecer em meio a uma revolução burguesa ou em meio a uma presumível revolução socialista internacional. As condições da transição não era uma abstração, pois estavam postas na realidade do imperialismo capitalista e eram essas as condições a serem alcançadas a fim de que a empreitada da transição socialista para o comunismo e a emancipação do trabalho fosse empreendida. Assim, pode ser dito que a transição socialista propriamente dita jamais teve início no tempo de Lênin, permanecendo sempre como um objetivo a ser alcançado.

## Referências

- LÊNIN, V. Dos tácticas de la socialdemocracia em la revolucion democrática. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escogidas*. Moscú: Progreso, Tomo III, 1976a.
- \_\_\_\_\_. La bancarrota de la II Internacional. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escogidas*. Moscú: Progreso. Tomo V, 1976b.
- \_\_\_\_\_. La catástrofe que nos amenaza y como combatirla. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escogidas*. Moscú: Progreso, Tomo VII, 1977a.
- \_\_\_\_\_. Las tareas del proletariado em nuestra revolucion. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escogidas*. Moscú: Progreso, Tomo VI, 1976c.
- \_\_\_\_\_. Las tareas inmediatas del poder soviético. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escogidas*. Moscú: Progreso, Tomo VIII, 1977c.
- \_\_\_\_\_. Que hacer? In: \_\_\_\_\_. *Obras Escogidas*. Moscú: Progreso, Tomo II, 1975.
- \_\_\_\_\_. Se sostendran los bolcheviques em el poder?. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escogidas*. Moscú: Progreso, Tomo VII, 1977b.
- \_\_\_\_\_. Sobre el impuesto en espécie. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escogidas*. Moscú: Progreso, Tomo XII, 1977d.
- \_\_\_\_\_. Sobre las cooperativas. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escogidas*. Moscú: Progreso, Tomo XII, 1977e.